

A BELA HELENA



Miriam Mambrini

# A bela Helena

©2015 Miriam Mambrini

*Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.*

*Coordenação editorial*

Isadora Travassos

*Produção editorial*

Eduardo Sússekind

Rodrigo Fontoura

Victoria Rabello

*Revisão*

Alexandre Brandão

*Capa*

Lola Vaz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M23b

Mambrini, Miriam, 1938-

A bela Helena / Miriam Mambrini. - 1. ed. - Rio de Janeiro : 7Letras, 2015.

ISBN 978-85-421-0349-6

1. Romance brasileiro. I. Título.

15-22343

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

2015

Viveiros de Castro Editora Ltda.

Rua Visconde de Pirajá, 580 / sl. 320 | Ipanema

Rio de Janeiro | RJ | CEP 22410-902

Tel. (21) 2540-0076

editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

Nada jamais continua,  
Tudo vai recomeçar.

MÁRIO QUINTANA



*Antes, todos os caminhos iam,  
Hoje, todos os caminhos vêm.*

MÁRIO QUINTANA

O ano de 1999 chegou, saudado pelos desenhos luminosos que os fogos riscavam no céu. Da pequena varanda de seu apartamento, sozinha, Talita ouviu o estrondo dos foguetes, os gritos de feliz ano novo, e viu as luzes coloridas desenhando flores, arabescos e cascatas por cima dos prédios. Dentro de algum tempo, pouco tempo, já que os dias, os meses e os anos são muito apressados, chegaria junho, com sua delicada claridade e seu frescor, e então ela completaria 59 anos.

Aquele início de ano tinha sabor de fim, o número nove encerrando um ciclo. Depois dele chegaria o fatídico ano 2000, trazendo seus sessenta anos, portal da terceira idade. Se o mundo não acabasse, como tinha vaticinado Nostradamus, desapareceria para ela qualquer ilusão de juventude. Seria oficialmente uma pessoa idosa.

Quando menina, pensava no ano 2000 como um tempo remoto, a antessala do século XXI, e do terceiro milênio, tão longínquo e inacessível quanto a lua, que logo descobriu não ser tão inacessível assim, pois os americanos tiveram a ousadia de pisar nela, e não se podia mais acreditar que lá estava São Jorge, matando o dragão.

O tempo não para. Deixa marcas tatuadas no corpo e na alma, e segue em frente. Suas tentativas de retardar o fluxo dos anos e retirar do rosto e do corpo os sinais que deixaram não davam certo. Experimentara cremes, ginástica, massagens, tudo o que diziam as revistas e os dermatologistas, mas percebera, por fim, que essas manobras eram vãs.

“A lua, quando fica velha, todo mundo sabe que vira lua nova.” Ela não era lua e nunca mais seria nova. “Negro velho vira macaco... os velhos

jurisconsultos viram fetos...as velhinhas que fazem renda viram fio...” E eu, Mário Quintana, viro o quê? Talvez não tivesse chegado o momento de perguntar. Velha, velha de todo ainda não era, mas estava chegando lá. Talvez virasse uma franga de pescoço pelado. Uma franga andando no terreiro, bicando minhocas, sacudindo o pescoço.

O tempo seguia em frente, veloz, e paradoxalmente não saía do lugar, pois cada dia parecia exatamente igual ao anterior. Ao se levantar pela manhã e repetir os gestos da véspera de dirigir-se ao banheiro, lavar o rosto, voltar ao quarto e abrir a persiana, deixando entrar a luz e a visão da janela em frente, onde outra mulher solitária arrumava a cama, tinha a sensação de que não houvera intervalo entre os dois momentos. O ontem se fundia no hoje e no amanhã, formando uma única realidade, monótona e repetida.

As lembranças aproveitavam os momentos vazios e vinham se instalar em seu pensamento. Não era uma ocupação pacífica, era uma invasão, uma intromissão violenta. Imagens surgiam, alongavam-se, desfaziavam-se, eram substituídas por outras imagens e voltavam mais uma vez. O seu tempo passou a ser o passado.

Sonho que minha mãe está gritando comigo. Sou muito pequena, e ela muito grande. A cada grito ela cresce mais e eu fico menor. Sua figura assusta, sua gritaria machuca meus ouvidos; mesmo assim, quero minha mãe. Ergo os braços pedindo que me ponha no colo. Ela se curva, mas sou tão pequena, tão rasteira, que seus braços não me alcançam. Acordo suada, ainda envolvida no pesadelo, paradoxalmente não querendo sair dele, apesar de seu clima de angústia. Fico deitada na cama, de barriga para cima, olhando o teto. Vejo, como num filme projetado na superfície branca, a imagem da minha mãe como ela era no meu tempo de menina. A mãe jovem e vaidosa, cabelos ondulados, um pouco abaixo dos ombros, feito os de Rita Hayworth, e olhos castanhos de grandes pestanas.

Há muito tempo não me vinha à memória sua imagem naqueles anos. Ouço sua gargalhada barulhenta, que estourava quando menos se esperava. Em casa, de chinelo e roupão, um cigarro no canto da boca, era uma mulher vulgar, mas quando saía bem arrumada, imitando as modelos que via nas revistas, parecia uma grã-fina da zona sul. Depois de velha, ficou gorda e desleixada, mas isso foi muito mais tarde.

Não conheci meu pai desde sempre, vi-o pela primeira vez numa tarde de domingo, tinha meus três anos. Lembro dessa tarde. Parece impossível lembrar uma cena de quando se é tão pequena, e me pergunto se de fato me lembro, ou se lembro do que minha mãe contava. Estava brincando com uma amiguinha quando ela me chamou.

“Esse é o seu pai”, disse.

Eu o achei bonito. Usava costeletas, vestia um terno claro e cheirava a perfume. Mamãe parecia contente com a visita. Comentou que meus olhos eram iguais aos dele. Meu pai sorriu, segurou meu queixo, examinou meu rosto, me achou bonitinha, e não me deu mais atenção. Quando foi embora, passou a mão na minha cabeça e disse que na próxima vez que viesse traria um presente para mim.

Uma noite, acordei com o barulho de vozes altas e raivosas, a de mamãe e a de um homem. Às vezes o Barroso, dono do salão de beleza onde ela trabalhava como manicure, aparecia lá em casa, mas ia embora cedo e nunca elevava a voz. Na discussão, meu nome foi citado várias vezes.

“Talita é sua filha! Você tem obrigação de ajudar!”

O homem – meu pai, sem dúvida, numa visita inesperada que desandou naquele bate-boca – respondeu que se a menina nascera não fora por vontade dele.

“Nem minha”, rebateu mamãe.

“Disse que dava o dinheiro para tirar, mas você não quis!”

Não sei o que ela falou em seguida. Que não tivera coragem, talvez. Mas não esqueci a reação violenta de meu pai, nem o tom raivoso de sua voz.

“Você pensava que, tendo um filho meu, poderia me obrigar a te dar dinheiro, não é, Zenaide? Não sou nenhum idiota. Quem garante que a menina é minha filha?”

Será que ouvi mesmo isso? Que compreendi o sentido exato das palavras? Foram aquelas as palavras pronunciadas? Talvez esteja inventando, a partir de uma sensação dolorosa, um vazio por dentro.

As lembranças do meu tempo de criança continuam vindo, às vezes claras, outras, nebulosas, vagas. Mãe, pai. Os primeiros laços, as primeiras figuras importantes, as primeiras experiências. O que fazer com esse passado tão presente na minha memória?

É aí que me vem a ideia de escrever o que estou lembrando. Rascunho algumas frases num caderno, este caderno espiralado. Começo pelo dia em que conheci meu pai. Depois conto a noite em que acordei com a briga e ouvi meu nome sendo dito várias vezes. Talita, Talita. Foi a primeira vez que percebi que meu nome estala. Tá, tá, como um chicote açoitando.

Não é fácil escrever, anoto, risco, rasgo, recomeço, mas não quero que as lembranças se percam. Essa, por exemplo: a da noite em que mamãe tirou de dentro do armário a bolsa de viagem marrom. Da cama, tentando dormir, eu a ouvi andar de lá para cá, abrindo armários e apanhando coisas. De manhã, minhas roupas e brinquedos estavam na bolsa. Minha boneca predileta foi enfiada por último e uns tufo de seu cabelo pulavam fora do fecho-éclair. Nunca esqueci aquela imagem: os cabelos amarelos da boneca presos no fecho da bolsa marrom. Lembro tão bem do rosto de louça, dos olhos azuis, das pestanas duras, das pálpebras que baixavam, dos cabelos amarelos, mas não sei em que momento a boneca desapareceu para sempre.

Naquela manhã, não fomos para a casa da avó da minha amiga, onde eu costumava ficar enquanto mamãe trabalhava no salão, e sim para o ponto de ônibus. Perguntei aonde íamos.

“Vamos para a casa da sua avó.”

Fiquei contente. Vovó morava na roça, num sítio onde havia galinhas, pintinhos, e eu podia brincar na terra.

Lembro-me confusamente do empurra-empurra para entrar no ônibus e de ter ficado em pé, espremida no corpo de minha mãe. Quando vagou um lugar, ela se sentou, me pôs no colo, me puxou para perto do corpo e encostou o rosto no meu. Senti uma coisa molhada na bochecha. Ou talvez não tenha sentido molhado algum e minha mãe nem mesmo tenha encostado o rosto no meu.

Descemos do ônibus numa rua movimentada, com lojas bonitas e gente indo e vindo apressada pela calçada. Mamãe segurava a bolsa de viagem com uma das mãos, e com a outra o meu braço. A mão estava quente e suada. Perguntei de novo para onde estávamos indo. Ela respondeu: “Para a casa dos seus avós. Os pais de seu pai. Você vai ficar com eles por um tempo”.

Senti muito medo, o maior medo que já sentira. Caí no choro e gritei que não queria ir, queria ficar com ela.

“Não tem outro jeito.”

Quando ela falava assim, não tinha mesmo jeito, mas ainda resisti, ficando os pés no chão como um burro empacado. Fui arrastada até um

prédio que tinha elevador. Foi a primeira vez que entrei num elevador, mas nem pude apreciar aquele quartinho com grade que fechava feito sanfona e me levava para cima, para algum ponto perto do céu. Enquanto o elevador subia, minha mãe tentava ajeitar meu cabelo e meu vestido. Eu me desvencilhei das suas mãos, no único ato de rebeldia possível, esperneando e gritando que não queria, não queria.

“Não adianta não querer. Tem que ser assim.”

Uma mulher baixinha, de rosto doce, usando um roupão, abriu a porta. Foi a primeira visão que tive da minha avó Edith. Antes que ela dissesse alguma coisa, uma cabeça de homem, que brilhava como se tivesse sido encerada, surgiu por trás dela.

“Quem é, Edith?”, perguntou.

Minha mãe me empurrou para a frente.

“Essa é Talita, neta de vocês. A filha do Sílvio.”

Ele fez uma cara de espanto, que logo se transformou numa cara de raiva. As sobrancelhas se uniram de forma assustadora. Parecia que todos os cabelos que faltavam na cabeça tinham se concentrado naquelas lagartas pretas e peludas.

“Como, filha do Sílvio? Que história é essa?”

“Pergunte ao Sílvio. Ele vai dizer se ela é ou não filha dele. Neta de vocês.”

Largou no chão a bolsa marrom, correu para o elevador e sumiu.

Gritei mamãe, mamãe, volta, com toda a força dos meus pulmões, mas ela não voltou. O careca das sobrancelhonas, meu avô, correu para a escada, afobado, e ouvi seus passos apressados descendo os degraus.

Imaginei várias vezes minha mãe saindo do prédio e correndo pela rua, fugindo de mim como fugiria de uma casa incendiada. Será que, ao menos, ela chorou enquanto corria?

Lembro-me do pânico, do pavor, quando me vi sozinha. Fiquei grudada no chão, sacudida pelos soluços, não conseguindo ver nem ouvir nada. Minha avó veio em meu socorro:

“Não se preocupe, querida, meu marido vai trazer sua mãe de volta. Vem aqui na cozinha tomar um sorvete.”

As lágrimas já tinham secado e eu tomava o sorvete, olhando curiosa tudo em volta, quando meu avô apareceu, ofegante, dizendo que a louca já tinha desaparecido quando ele chegou embaixo.

“Que é que vamos fazer agora?”, perguntou vovó.

“Devolver a menina.”

Soou como um trovão a voz do meu avô:

“Onde é que você mora?”

De colher na mão, e com a boca melada, eu tremia.

“Onde é que você mora, menina?”, repetiu a voz de trovão. “Você já tem idade para saber onde é a sua casa.”

Vovó interveio:

“Você está assustando a menina. Ela não tem culpa de nada.”

Depois, voltou-se para mim:

“Come seu sorvete, filha. Com calma, viu?”

Ele estava muito irritado.

“Vou falar com o Sílvio. Ele tem que esclarecer essa história.”



Meu primeiro pensamento ao começar a anotar minhas lembranças neste caderno é que minha vida daria um romance. Quem sabe esses são os primeiros parágrafos do romance da minha vida?

Nasci no tempo do Getúlio. O mundo era outro, o Rio era outro, quase sem violência. Os pobres, como minha mãe, gostavam do Getúlio. Diziam que ele era pai dos pobres, não sei por quê, os pobres eram pobres do mesmo jeito, mesmo ele sendo pai. Nós melhoramos de vida graças ao Ademar, meu padrasto, e não por alguma providência miraculosa do Getúlio.

Vivi a infância e adolescência nos anos dourados. As pessoas se interessam por essa época, acham que foi romântica, melhor para se viver. Aqueles anos foram dourados para mim porque eu era jovem e tudo é melhor quando se é jovem, mesmo o que é ruim, mas também foram anos de pobreza, rejeição e abandono.

Aos seis anos fui largada numa casa desconhecida, de gente desconhecida, uma casa que poderia ter sido totalmente hostil, e até seria, se não fosse minha avó, um ser humano cheio de amor até a borda. Afinal, eles não sabiam, e nem mesmo tinham como saber naquele tempo, se eu pertencia ou não à família.

Uma menina abandonada pela mãe. Isso por si só não faz de mim ninguém especial. Quantas crianças foram abandonadas pelas mães? Largadas em lixeiras, em praças, em portas desconhecidas. Eu, pelo menos, fui deixada na casa dos meus avós.

Outros homens e mulheres também valorizam o que lhes sucedeu, para o bem ou para o mal, e acham que suas vidas merecem ser contadas.

“Minha vida daria um romance”, me disse a dona do armário onde compro linhas e botões.

Possivelmente várias pessoas, gente com cinquenta, sessenta, setenta anos diz o mesmo. Se não tiveram, pelo menos aos seus próprios olhos, um passado rico e emocionante, de que vale terem vivido? Agora não é mais o momento de aventuras, paixões, amores, realizações. O que não fizeram antes, não podem mais fazer.

A mulher do apartamento em frente, uma mulher que deve ser pouco mais moça do que eu e que agora me sorri da janela quando nossos olhares se encontram, também teve um passado. Todos têm um passado, onde aconteceram coisas terríveis, ou emocionantes, ou engraçadas.

Acordei sobressaltada em meio a um sonho. Meu pai me jogava no mar e eu me debatia, afundando, sendo levada pelas ondas para longe da praia. Foi sonho ou lembrança?

Era um domingo de sol. Vó Edith tanto insistiu que meu pai resolveu me levar para tomar banho de mar. Eu não tinha maiô. Vovó disse que não fazia mal, eu era criança, podia ir de calcinha. Ele me olhou e riu. Vai assim? Vai, disse minha avó. Pus meus pés na areia quente que entrava pela sandália e queimava, mas estava tão contente de ir à praia que nem me incomodei. Meu pai me levou para uma barraca colorida onde estavam umas moças. Elas perguntaram quem eu era, ele respondeu que a filha de uma amiga da família, que estava com eles por um tempo. As moças disseram que eu era uma gracinha, e me esqueceram. Sentei perto e fiquei ouvindo as conversas e risadas. De repente, meu pai sumiu. Levantei, olhei em volta e nada dele. Uma das moças disse para eu não me preocupar, ele já voltava. Falou que a gente podia cavar um buraco bem grande na areia, depois ela traria água do mar e faria uma banheira para eu entrar. Ficamos cavando com as mãos, mas a moça logo esqueceu o buraco e voltou a conversar com as amigas. Comecei a sentir muito calor, parecia que minha cabeça ia pegar fogo. A moça de antes reparou, mandou que eu largasse o buraco para lá e sentasse na sombra da barraca. A sombra foi mudando de posição, logo eu já estava de novo no sol, com muita sede e vontade de chorar. Então meu pai voltou. Ele

brigou porque eu estava toda suja de areia. Me pegou no colo e me levou no mar. Fiquei com medo daquela água que não parava de ir e vir, e me agarrei a ele, chorando, dizendo que não queria. Ele me desgrudou do seu corpo e me atirou dentro d'água. Me deixou no meio das ondas, que arrebatavam jogando espuma para cima. A água salgada entrou na minha boca, no nariz e ardeu nos olhos. Não conseguia me levantar, porque as ondas batiam em mim e me carregavam pro fundo. Fiquei me debatendo, abrindo e fechando a boca, igual um peixe fora d'água. Então, meu pai me segurou pelo braço, me puxou para a areia e disse que era assim que se aprendia a nadar: na marra.

Quero resgatar meus primeiros anos, visitar os lugares onde vivi quando era menina. Ontem de manhã, tomei um táxi e fui a Madureira. Não encontrei vestígio da casa de vila onde morei com minha mãe. Há um supermercado no lugar da vila. À tarde, saí de novo e circulei pelas ruas de Copacabana. Vi o prédio onde moraram meus avós, mas ele não parecia o mesmo. Tinha sido pintado de um amarelo desmaiado, e a tinta não conseguia disfarçar a decrepitude da construção. Tudo, lugares, pessoas, fatos, agora só existem dentro de mim. Só ali posso encontrá-los.

Ao chegar em casa dou com Laerte encostado numa pilastra, na portaria do meu prédio, e ele não mudou. Parece tão igual ao homem que deixei de ver faz anos, que chego a me assustar.

“Voltei”, ele diz.



A primeira vez que vi Laerte foi na pista de dança de uma boate chamada Majestic. Já estava separada de Luiz Eduardo e por isso era mal vista pelas famílias da Tijuca. Separada e frequentadora de inferninhos. Nada podia ser mais comprometedor.

Tinha feito novos amigos e saía com eles às vezes para dançar. Naquela noite, meu par era um jovem jornalista. Eu era bonita e livre, não me faltava companhia, homens que recebiam de mim menos do que esperavam. Que pagavam o jantar. Que, a contragosto, me deixavam na porta de casa.

O nome pomposo – Majestic – não combinava com o salão escuro, cheirando a mofo, onde os casais aproveitavam a escuridão para se agarrar na pista de dança e nas mesas de canto. O jornalista passara o braço por trás de mim e tentara me beijar várias vezes. Pensava de que forma podia me livrar dele.

Um homem alto – nada mais do que uma silhueta comprida na escuridão – aproximou-se da mesa e me chamou para dançar. Podia ser um demônio saindo das trevas, um bandido, um tarado, mas fosse ele quem fosse eu ia dançar, numa afirmação da minha liberdade. Meu par fez menção de protestar, mas antes que dissesse alguma coisa, me levantei e segui o desconhecido até a pista de dança. Era dona do próprio nariz, pagara caro por isso, e ninguém ia me dizer o que podia ou não fazer.

Senti-me muito baixinha ao lado daquele varapau. Tocava uma música lenta, um bolero. Quando ele me abraçou, minha cabeça ficou debaixo do seu queixo. Ao levantar os olhos, só vi a ponta do seu nariz e um pouco da sua testa, sobressaindo na escuridão.

“De que cor são seus olhos?”, ele perguntou.

“Verdes”, menti.

Meus olhos eram castanhos, mas às vezes, ao sol, tomavam uma tonalidade esverdeada. Eu gostava quando alguém dizia que eram verdes.

Se ele tivesse perguntado meu nome, diria que era Helena, sempre gostei desse nome, mas ele não perguntou.

Dançamos em silêncio por algum tempo, até que me senti desconfortável. Aquele homem me apertava com intimidade de namorado e sua excitação era perceptível. Afastei-me de seu corpo e puxei assunto:

“Você gosta de dançar?”

“Não.”

“Então por que é que está dançando?”

“Porque só vim aqui para dançar com você.”

“Você nem me conhece!”

“Quem disse?”, perguntou ele misterioso.

“Não me lembro de você.”

Ele não fez comentários e continuamos dançando em silêncio. Tentei me lembrar de onde poderia conhecer aquele homem. Não me vinha lembrança alguma. Não puxei mais assunto até a música acabar. Ele sussurrou “obrigado”, e foi se afastando na direção do bar. Fiquei parada na pista no meio dos casais enroscados. Não tinha pressa em voltar para a mesa. Dirigi-me ao bar e sentei-me num banco ao lado dele.

“Você me conhece mesmo?”, perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

“De onde?”

“Está curiosa?”

“De onde?”

“Não pense que vou te dar essa informação de mão beijada. O que é que você me dá em troca?”

O cara era muito abusado. Levantei-me sem responder e voltei para a mesa, onde meu par me aguardava emburrado.

Não se passaram três dias, e vinha andando pela rua onde morava quando vi o homem do Majestic parado à sombra de uma árvore. Magro,